

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4,000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Contamos apenas sete mezes de existencia, e todavia entendemos dever recolher-nos ao silencio, dando por acabada esta nossa tarefa de jornalista. Com a maior boa vontade a começamos: entendiamos que tambem podiamos ser uteis ao país, carregando nossa pedrinha com que ajudassemos o grande edificio do bem publico: trabalhamos quanto podemos; mas logo a principio fomos divertido de nosso fim, fomos obrigado a empregar na polemica tempo e serviço, que cuidavamos empregariamos em outros objectos; e hoje impossivel nos é retroceder.

Começamos apoiando um ministerio, que julgamos seguia a unica senda, que era conveniente seguir: mas esse ministerio por um daquelles acontecimentos, que era impossivel prever, abandonou o logar, e outro o substituiu. O actual não nos inspirou logo a mesma confiança; e por isso quizemos esperar por seus actos, a ver se poderiamos proceder com elle do mesmo modo, que com o passado: um mez inteiro esperamos; infelizmente porém, no fim desse mez vemos um ministerio, que não sabe comprehender a posição, em que se acha; que não tem dado aos negocios do Estado a importancia, que elles merecem; e que o pouco que tem feito, nos parece ser o avesso do que de vera fazer.

Cumpria-nos fazer opposição, dessa opposição enérgica e legal, que soubemos fazer no ministerio de julho; mas entendemos que não: entendemos, que antes nos cumpre reduzir-nos ao silencio; deixal-o trilhar a senda, que encetou, deixal-o caminhar. A escolha do Sr. Galvão para o senado, referendada pelo actual ministro do imperio, foi para nós a prova evidente de que o gabinete quer abandonar inteiramente as pisadas de seus antecessores: a escolha do Sr. Galvão nos fez tergiversar entre a opposição e o silencio: decidimos-nos por este ultimo.

Já antes previamos, que este seria o desfecho da incerteza, em que laborava o ministerio: o *Novo Tempo*, que desde o seu primeiro numero começou declarando-se ministerial; e que no mesmo tempo começou crua guerra aos ministros transactos: o *Novo Tempo*, que se diz escripto por pessoa de muita intimidade com o ministerio: o *Novo Tempo* desde seu primeiro numero nos fez guerra cruenta, assim nos demonstrou, que nossos principios não eram nem são os do ministerio. Quizemos por algum tempo enxergar nesse periodico a opinião indivi-

dual de seu redactor; quizemos suppol-o não exprimindo as ideias ministeriaes; mas factos posteriores nos tem demonstrado palpavelmente o contrario: temos plenamente conhecido, que o *Novo Tempo* tem missão ministerial.

Concluimos esta nossa tarefa; e della só levamos um pezar: é que alguém supposesse, não dixeramos bem, é que alguém se atrevesse a escrever, que a encetamos e que a continuamos por interesse. Se o redactor do *Novo Tempo* é quem se nos affirma ser, elle deve muito bem saber o contrario: deva saber, que desde muitos annos empregamos alguns momentos de nosso ocio em escrever para o publico, e que até hoje o temos sempre fei, o sem a mais pequena esperanza de recompensa, e que nunca recompensa tivemos. Pelo gabinete de março foi despachado um parente nosso muito proximo: o favor, que devemos ao gabinete de janeiro foi tiral-o de seu emprego: servia elle muito bem: tinha aptidão mais que necessaria, tinha longos serviços feitos ao país, é chefe de numerosa familia; é pobre e honrado: á boca cheia o dizemos: é honrado: mas o gabinete de janeiro a titulo de economia entendeu dever prival-o de um emprego, que lhe dava seiscentos mil réis por anno: nunca nos queixamos, nunca por isso escrevemos uma palavra contra o gabinete de janeiro. Foi essa a recompensa, que tivemos de nossa dedicação. Mas erramos, que tambem tiramos outra recompensa: tiramos a satisfação de nossa consciencia: tiramos a satisfação de ser amigo leal, de defendermos a causa, que entendemos justa. Essa recompensa ninguem nol-a pôde tirar: e essa prezamos em muito, e a essa unicamente aspiravamos quando emprendemos esta publicação.

Mas esse sentimento levamos, de que alguém avaliando-nos talvez por si, se atrevesse a dizer, que eramos levado por interesse mesquinho; que elogiavamos o Sr. Honorio, porque delle esperavamos favor; que não nos decidiamos em favor do gabinete actual, porque este nos não tinha ainda offerecido cousa alguma. Temos amizade com o Sr. Honorio desde tempos bem remotos, desde a universidade; e quem pôde dizer, que nos viu frequentar muito a casa desse honrado e illustrado ministro, durante o seu ministerio? apenas o procuramos aquellas vezes, que a civilidade nos tornava indispensaveis.

Do mesmo tempo datam nossas relações com alguns dos ex-ministros, com outros ainda são mais antigas: e todavia nunca lhes pedimos nada, nunca delles recebemos nada.

E todavia foi-nos imputado, que só escreviamos por interesse!

Esses, que nol-o imputaram não podem ser accusados com mais razão? não se diz que larga posta já coube ao redactor em chefe do *Novo Tempo*?

Mas vimos despedir-nos do publico, e não tomar contas.

Longa vida desejamos ao ministerio: a instabilidade dos gabinetes é um grande mal para o paiz. Longa vida lhe desejamos. Desejamos porém que não seja reaccionario.

E por quanto tempo deixaremos de escrever? Ha apenas um mez, ha quinze dias, que suppunhamos, que tão cedo não largariamos a penna: talvez daqui a um mez, talvez daqui a quinze dias entendamos, que novamente devemos escrever. Os factos succedem-se entre nós com tanta rapidez, que não nos é possível dizer hoje, o que faremos amanhã.

AS CONCILIAÇÕES.

Eis aqui uma palavra, que se entende dever ser a panacéa universal, que deve curar todos os nossos males, porém, que ao mesmo tempo no sentido, em que é empregada, é palavra vana, que não exprime a mais pequena ideia positiva.

Em 1840 havia um partido, que comprehendia a grande maioria da nação; que tinha estado no poder, e que por um facto extraordinario se via momentaneamente privado d'elle. Esse partido bem sabia, que cedo havia de voltar ás posições, de que o haviam tirado: tinha muita consciencia de sua força para poder duvidal-o. Esse partido porém não teve duvida dizer a seus inimigos: — conciliação! abracemos-nos fraternalmente; comeemos nova época. — E o que lhe foi respondido? Primeiramente um manifesto de guerra: — guerra, bradarão os vencedores, guerra aos vencidos: perseguição. — E depois dando-nos como aterrados só com ouvir seus nomes, disseram-nos: — prostrai-vos de joelhos com as faces no chão: rendei-vos á discrição: implorai nossa clemencia. — Foi a linguagem do fraco, a quem um momento arejou prospero vento. Era impossivel aceitar a paz, que se nos propunha com semelhantes condições. Conservamos-nos em nossas posições: lançamos mão dos meios, que as leis nos permittiam.

Lutamos e vencemos; oito mezes bastaram para repor as cousas no antigo estado. Mas nesses oito mezes quantas perseguições soffremos! O que não fez o ministerio de julho! Diz um contemporaneo: — levado por principios de generosidade acariciou a muitos, que d'isso não eram dignos, sustentando-se em posições, em que traiçoeiramente lhe solaparam sua conservação, e em que quasi outras viboras se revoltaram contra aquelles, que os tinham agasalhado! — Santo Deus! é assim, que se escreve a historia! é no Rio de Janeiro, que se imprimem estas palavras? quem foram esses, que foram acariciados? Não conhecemos um só, foram poupados alguns a quem se não pôde fazer mal; porém aquelles a quem se pôde fazer mal, fez-se o que se pôde. Não foi o actual chefe de policia removido para a comarca da Palma? O Sr. Vianna não foi logo demittido do thesouro? qual foi o presidente, que não foi logo apeado? Não foram removidos o Sr. Paulino, o Sr. Honorio, ou o Sr. Vaz Vieira? e porque? porque eram membros do corpo legislativo. Não foi removido o Sr. Vasconcellos ou o Sr. Torres? que lhes podia fazer o ministerio?

Por ventura todos os que compunhamos o grande partido da ordem, não eramos constantemente ameaçados, não vimos nossas vidas em perigo, não fomos corridos das eleições a cacete?

Generosidade no ministerio de julho! sua extraordinaria tenção não lhe alienou muitos d'aquelles, que com elle concorreram nos escandalos das duas camaras?

Com a queda do ministerio de julho, offerecemos outra vez a conciliação a nossos inimigos: distribuimos com elle poder e graças. Não conservamos em S. Paulo o Sr. Tobias? não quiz o Sr. Limpo fazer logo d'elle o representante de uma nova confederação? mas apesar disso, por muito tempo foi conservado na presidencia. Não distribuimos graças aos homens mais proeminentes desse lado? Em 2 de Dezembro de 1840, qual foi o homem do nosso lado, que foi agraciado? Em 1841 quantos foram agraciado do lado contrario? E em recompensa o que tivemos? Os mesmos agraciados se riam dos ministros, que os agraciavam: tomaram sempre por fraqueza, o que não era mais, que desejo de acabar por uma vez com a desgraçada luta dos Brasileiros. O resultado foram os desgraçados acontecimentos de 1842.

O ministerio de janeiro quiz ainda obter o mesmo fim; mas o que colheu foram tristes resultados. O mais pequeno signal de benevolencia dado a qualquer da facção, era logo por esta contado como um triumpho de seus principios; como fraqueza imperdoavel do ministerio. E ainda assim o ministerio de janeiro tratou quanto pôde de acalmar as paixões; tratou de restituir á fraternidade todos os Brasileiros. Quereis a prova? Nós vol-a damos terminante irrefragavel: é que muitos de seus alliados se queixavam d'elle, por tratar demasiadamente bem os seus inimigos. Lêde alguns periodicos das provincias, lêde a *Sentinella da Monarchia* na côrte, lêde as cartas, que ahi chegavam todos os correios. Quereis a prova? Vêde o ministerio armado de mil recursos para perseguir os homens envolvidos nas rebelliões de Minas e S. Paulo, e todavia sem fazer uso de um só; deixando a mal entendida benevolencia do jury ir soltando todos os réos desses crimes. Quereis a prova vêde-a na imparcialidade, com que foi nomeado o concelho de guerra do Sr. Tobias. Se quizesse o ministerio não podera primeiro ter-se certificado do voto dos vogaes?

Muitos outros factos podiamos apontar em prova de nosso dito: mas basta, para os homens de boa fé, estes mesmos são de mais: elles viram os constantes esforços desse ministerio; e viram tambem a guerra, que seus inimigos lhe declararam: os discursos do Sr. Paula e Sousa, do Sr. Ferreira de Mello, do Sr. Costa Ferreira, e sobre tudo do Sr. Hollanda, ahi estão impressos no *Jornal do Commercio*: elles mostram bem quem quiz a conciliação, e quem a rejeitou. Para os homens, que á força querem negar a verdade, que á força querem denegrir os serviços do grande partido da ordem, e dos ministros tirados d'elle, tudo é nada: são cegos, que não querem vêr, surdos, que não querem ouvir.

Querem rehabilitar os homens de julho? rehabilitem muito embora: mas generosos, conciliadores, de modo nem-um lhes chamem: nunca o foram, nunca o serão: os principios, que professavam, a posição, em que se achavam, lhes embarçava mesmo, que o fossem. Querem rehabilitar os homens de julho? rehabilitem muito embora, mas não seja á custa dos homens de março, e janeiro, á custa do partido da ordem, do grande partido

nacional; á custa dos homens, que tem combatido a anarchia em todos os pontos onde tem apparecido; e que tem procurado congraçar todos os Brasileiros, fazer d'elles uma só familia, e que os maiores embarços, que tem encontrado partem sempre do lado adverso.

Querem conciliação? e porque declaram guerra! porque maldizem a todos e por tudo? querem conciliação, e ao mesmo tempo se nos declaram hostis, tanto quanto podem!

Conciliação nós a quizemos, nós a queremos, assentada sobre bases de igualdade: conciliação em que uns fiquem com tudo e outros sem nada, é contracto leonino, reprovado por todas as legislações.

SUPPLICA.

Seja-nos ainda licito neste nosso ultimo numero dirigir uma supplica ao gabinete: não é de opposição: é de um coração Brasileiro que tanto teme por este desditoso paiz. Vele sobre tudo na integridade do imperio: vele nas facções, que armadas quizerem fazer valer os seus direitos. Ha homens, e d'isso é por exemplo accusado o Sr. Galvão, que entendem, que convém uma divisão no Brasil: e justamente por isso a sua nomeação foi para nós a linha que nos separou do gabinete. Esse homem é accusado desse projecto tão inepto como malvado: o ministerio referendando o decreto de sua nomeação, pareceu annuir a esse pensamento. Ha homens que entendem, que a força bruta é a unica que tem direito a decidir as questões sociaes. Supplicamos ao gabinete, que attente bem n'uns e n'outros: uns e outros vão direitinhos ter a anarchia por diverso meio.

O Brasil fraccionado será nada: o Brasil em anarchia será ainda menos que nada.

Penetrem-se bem os ministros do Sr. D. Pedro, que a monarchia é o unico meio capaz de levar o Brasil a porto seguro: tudo o mais são utopias. Penetrem-se bem dessa verdade; e não dêem o mais pequeno alento a aquillo, que em si ou por suas consequencias a puder prejudicar. Os ministerios de março e de janeiro trabalharam sempre por manter a ordem: entregaram ao actual o Rio Grande quasi pacificado; as da mais provincias em plena paz. O ministerio de fevereiro quer seguir senda diversa: é provavel que obterá fins diversos. Oxalá que nos enganemos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EUROPA.

A duas mil leguas de distancia do velho mundo, separados por um mar immenso, parece que os seus negocios pouco ou nada nos deverão interessar: mas assim não é: o mundo vai-se conchegando de modo pelo aperfeiçoamento da navegação e todos os mais meios de communição, que o canhão dado em um pólo, echoa no pólo opposto.

A Europa está em grave fermentação, e tudo faz preagiar nella uma violenta catastrophe. Desde seculos duas potencias se acostumaram a ditar-lhe leis: são a França e a Inglaterra; mas estas duas potencias estão em vespuras de acontecimentos da maior importancia, cujos prodromos já se vão realisando: e o que nellas der abalo, deve dar abalo ao resto do mundo. A Inglaterra está ameaçada de uma immensa revolução, e revolução cujo paradeiro niuguem pôde prever, e cujos resultados immediatos devem ser os mais terriveis: é a rebellião da fome contra a fatura, da miseria contra a riqueza. As

nações da Europa entenderam, que se deviam abster de questões methaphysicas e de palayras, para cuidar de seus interesses positivos: a Alemanha deu o exemplo, as outras o seguiram. Hoje não só todas se livrarão da dependencia da Inglaterra, quanto aos objectos d'arte, mas fabricando-os com excesso á suas necessidades, os exportam para o resto do globo. Assim, concorrendo com essa nação nos mercados estranhos, as fazendas inglezas se vão amontoando nos depositos sem extracção: os donos das fabricas vão despedindo os obreiros, e assim uma immensa população se acha reduzida a morrer de fome, em quanto outras desfructam cem, duzentas, quinhentas mil libras de renda. Este estado é muito fora do natural: é preciso equilibrar essas fortunas; e esse equilibrio ha de ser filto de uma revolução: e essa revolução já está á porta: e quantos estragos tem de causar? Duas terças partes das letras de cambio, que giram no mundo commercial são inglezas: uma commoção na Inglaterra, que effeitos deve produzir? A Inglaterra procura sustentar-se pela violencia: promove rebelliões na Hespanha, faz carrancas a Portugal, embrulha quanto pôde os negocios do Brasil: no Oriente quer governar exclusivamente, na Asia quer ter o dominio universal.

Mas este estado violento não pôde durar muito: e a menos que uma guerra europea não venha cortar os vãos da industria dos povos do continente, a Inglaterra dentro de não muitos annos terá de ser victima da mais violenta commoção.

Por outro lado a França está ameaçada, e muito ameaçada. Retalhada em um grande numero de partidos, a morte de Luiz Philippe, hoje septusagenario deve ser o signal da luta. Luiz Felipe é um dos primeiros estadistas da Europa; e com a sua maxima — paz a todo o custo — tem podido manter-se desde 1830, que substituiu a Carlos X: mas por sua morte o throno passa a seu neto de bem tenra idade; e com quanto já se procurassem acautelar os inconvenientes da minoridade, nomeando-se o regente de França, todavia os reis não tem substitutos; o governo do regente será sempre provisorio. E um governo provisorio poderá resistir á luta, que deve apparecer? Talvez, mais duvidamolo.

O partido legitimista tanto tem reconhecido a vantajosa posição, em que se acha, que o duque de Bordéas lá foi para Inglaterra, que apenas dista da França algumas horas de viagem: e abi se entendeu com muitos francezes, alguns das primeiras familias do reino, entre elles o velho Chateaubriand. A rainha não o admittiu nem publica nem particularmente: mas, que importa? quantas conferencias terá o duque de Bordéas com emissarios da rainha e dos ministros inglezes?

A revolução de França em 1789 produziu no mundo um abalo espantoso; ainda hoje estamos, e por muito tempo estaremos soffrendo as suas consequencias. E então as nações ainda se achavam bem mais distantes umas das outras! Hoje, que o vapor faz voar as noticias, hoje que a vida de um dia corresponde talvez á de um anno do seculo passado, hoje, que os francezes se tem espalhado por todos os cantos do mundo, que os costumes dos povos se vão tornando francezes, que as linguas se vão afrancezando, e que a lingua franceza é quasi universal, hoje, que espantosos não serão os effeitos de uma revolução em França?

Entendemos necessario, que os estadistas do globo, mas sobretudo os nossos cá do Brasil, acompanhem mui-

to de perto aquellas nações afim de os não perder de vista, e prepararem-se para os grandes acontecimentos, que de um dia a outro terão necessariamente de apparecer. Prevenir-os, é impossível: embarçal-os, ainda mais impossível: mas é muito possível cuidar em afastar para longe senão todos ao menos parte dos males, que nos ameaçam: é possível indagar se desses acontecimentos algum bem poderá vir ao Brasil. Com uma e com outra potencia está o Brasil muito relacionado: qualquer extraordinario acontecimento em uma d'ellas, deve necessariamente causar-nos abalo. E' de antemão, que se devem ir fazendo combinações e prevendo hypotheses. Ao depois ninguem diga — *não cuidei.* —

NOSSAS DESPEDIDAS AO — PHAROL.

Somos tão grato ao *Pharol*, que despedindo-nos do publico, julgamos fazer d'elle especial menção: foi das publicações da imprensa a que mais nos mimoseou: a elle pois devemos mais attenções.

Muito sentimos, que não tenha mais o contemporaneo meio de chamar moleque e cachorro ao redactor do *Echo* no Rio, nem que vá dizer ao publico quanto temos de nooso. Sabe o *Pharol*, que nos desacreditou completamente chamando-nos pobres? que hoje ninguem quer fiar de nós? Ah! contemporaneo, contemporaneo! que mal nos fizestes! E se nos apresentarmos em vossa casa a pedir-vos algumas patacas, talvez tenhais a barbaridade de noi-as negardes.

Annunciais que continuais vossa existencia: damos-vos os parabens: Deos vos conserve por muitos annos e bons. Ha quem careça dos vossos serviços.

Antes porém de vos deixarmos, permiti que vos digamos, que mentis descaradamente, quando assexeraiis que sabemos, que os orgãos da facção nos dias de crise receberam da policia tres mezes adiantados do subsidio, que lhea dava o economico ministerio passado. Se quereis com isto dizer, que recebemos algumas quantias da policia, mentis, mentis. Outra vez, mentis, mentis.

Como já dissestes, que nos conheceis perfeitamente, damos-vos licença para dizer a nosso respeito quanto quizerdes: nunca tememos que vossos latidos nos fizesse o menor mal.

Foi o *Echo*, que vos provocou? foi o *Echo* que usou comvosco de palavras, de qua só usam pretas quitandeiras bebadas nas praças?

Adeus, Sr. do *Pharol*.

PEQUENA RESPOSTA.

Pergunta o *Novo Tempo* porque nos não fizeram deputado por Minas? respondemos-lhe, que nos não apresentamos candidato, porque podia acontecer, que ficassem na lista dos supplentes. E se fôssemos deputado, talvez fizéssemos mais que alguns, que cuidam que com quatro floreios tem feito immensas brilhaturas, mas que chegados ao ministerio, são entes nullos, nullissimos. E nem offereceriamos nosso voto, nem escreveriamos a favor do ministerio, mesmo que nos fizessem desembargador, a menos que nossa consciencia nos não dissesse, que o deviamos fazer.

O FILHO DA JOANNA.

Temos á vista esta importante producção da imprensa periodica fluminense. Para darmos aos nossos leitores uma ideia d'esse novo athleta, que vem sustentar o governo actual com o seu apoio, e que promete defender sua carinhosa e respeitavel mãe, contentar-nos-hemos

com mui pouco. Diz o filho da Joanna, que o ministerio passado é uma quadrilha de ladrões, e que o Sr. Honorio tirara do cofre dos orphãos, cerca de DUZENTOS CONTOS DE REIS, a 6 por cento para os dar a 12, 15 e 18: e que obteve do governo grande porção de africanos livres sem declaração alguma na repartição competente, os quaes foram vendidos como escravos.

Taes são as estreas da nova folha: por aqui podem os leitores fazer ideia, do que virá a ser este herde.

Não tem duvida, estamos em tempo de regeneração. Que boas esperanças!

REFLEXÃO IMPORTANTE.

Lembramos ao ministerio, que no Brasil, monarcha e monarchia são synonymos. Amdão são intimamente ligados, que a queda de um trará necessariamente a queda de outro.

PRESIDENCIAS.

Continúa a fallar-se na mudança de alguns presidentes, assim como se diz, que os ministros não podem acordar em pessoas que substituem os demittidos. Tão cedo, e já divididos! que triste futuro! O que póda fazer um ministerio com todos os caracteres de provisório, e de mais dividido? Triste Brasil.

AMNISTIA.

Pelo que se lê nas folhas ministeriaes parece, que se espera brevemente uma amnistia para os réos politicos de S. Paulo e Minas, e provavelmente irão ainda outra vez comprehendidos os do Rio Grande. Desde já declaramos, que julgamos essa ideia contraria aos interesses do paiz. Pois nunca ha de haver no Brasil uma punição?

OS DILAPIDADORES.

Ha tempos, que certos homens se acostumaram a chamar dilapidadores a seus inimigos. Não tendo mais que dizer d'elles, vem logo o estribilho: é dilapidador. O Sr. José Carlos, hoje ministro do imperio já bastantes vezes assim foi aleunhado. O ministerio fez alliança com esses homens. Cuida elle, que será poupado? Engana-se: ou ha de satisfazer a todos os caprichos do mais exaltado delirio; que lhe forem apresentados por seus novos alliados, ou cedo se verá appellidado dilapidador. Escolha o que quizer.

O PAPIÃO.

A imprensa ministerial anda ahí espalhando noticias cuidando assustar a gente: não falla senão em dissolução da camara dos deputados. Para que hão de estar com isso? Quem muito falla pouco faz. Mas de veras cuida que com isso assusta a gente? póde dissolver quando quizer. Uma, duas, dez, vinte vezes; é prerogativa da corôa; nunca nos queixaremos do seu uso.

AGUA! AGUA!

Continúa a sécca, continúa o povo desta vasta capital a soffrer o mais terrivel dos flagellos. Não nos consta, que até o momento presente se tenham tomado medidas algumas. Em nome de todos os fluminenses, e sobretudo dos fluminenses pobres rogamos ao Sr. ministro do imperio, que tenha compaixão de nós. Agua! agua! Providencias para já, e providencias para o futuro. O inverno é o tempo da sécca, e o verão da chuva: no verão não tem chovido, que será no inverno? Se hoje um barril de agua já custa uma pataca e mais, quanto custará em agosto ou setembro?

Sêde no Rio de Janeiro! oh meu Deos! até onde nos tem levado a maldita politica? Se de tantos milhões, que se tem gasto em suffocar rebellões, se tivesse applicado uma pequenina parte para encanar essa immensa quantidade de agua, que desce da Gavia e do Corcovado, que abundancia de agua não teriamos! mas os homens antes querem combater-se no campo da batalha, que cuidar n'aquillo, que immediatamente carecem.

Agua! agua! providencias, que nos assegurem o presente e o futuro.

E lerá o Sr. ministro do imperio este nosso artigo?